

Olhares sobre a cidade: perspectivas teóricas

*Wallace Ferreira dos Santos*¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão historiográfica que reelabore questões históricas e teóricas pautadas em algumas bibliografias discutidas no curso de história e cultura, disciplina do primeiro semestre do mestrado em história da UFU/2012, buscando situar as questões envolvidas no projeto de mestrado. Esse trabalho propõe um estudo sobre a cidade de Governador Valadares no período compreendido entre os anos de 1960 e 1980, buscando apreender algumas dimensões das formas de representação da cidade e do viver urbano presentes nos discursos produzidos pela imprensa (Diário do Rio Doce) e na documentação dos arquivos municipais (CEDAC).

Palavras-chave: Cidade. Modernidade. Reformas urbanas. Representação.

Abstract: This paper aims to bring a reflection historiography give new development guided historical and theoretical issues in some bibliographies discussed in the course of history and culture, discipline in the first half of the MA in history UFU/2012, seeking to situate the issues involved in the design masters. This work proposes a study on the city of Valadares in the period between the years 1960 and 1980, seeking to understand some aspects of the forms of representation of the city and urban living in the speeches made by the press (Diário do Rio Doce) and documentation of municipal archives (CEDAC).

Keywords: City. Modernity. Urban reforms. Representation.

¹ Mestrando em História na Universidade Federal de Uberlândia/UFU.

Este trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão historiográfica que reelabore questões históricas e teóricas pautadas em algumas bibliografias discutidas no curso de História e cultura, disciplina do primeiro semestre do mestrado em história da UFU/2012, buscando situar as questões envolvidas no projeto de mestrado. Esse trabalho propõe um estudo sobre a cidade de Governador Valadares no período compreendido entre os anos de 1960 e 1980, buscando apreender algumas dimensões das formas de representação da cidade e do viver urbano presentes nos discursos produzidos pela imprensa (Diário do Rio Doce) e na documentação dos arquivos municipais (CEDAC).

A cidade de Governador Valadares, apesar de uma conjuntura de crise, sofreu um processo de intervenções urbanas significativas a partir da década de 1960. A cidade possuiu posição privilegiada, no entroncamento de rodovias importantes, isso fez com que pessoas de várias regiões passassem pela localidade, transformando a cidade em lugar de trânsito de “estrangeiros”. Desta forma, um grande número de pessoas “anônimas”, em movimentos e em confrontos, dotou esse território de especificidades e dinâmicas próprias. As décadas de 1960 a 1980 foram marcadas por uma “preocupação” maior, particularmente dos poderes públicos, em intervir no espaço urbano de Governador Valadares. Esse momento marcou decisivamente a indissociabilidade entre “promover o desenvolvimento”, “trazer o progresso” para a cidade e

os mecanismos de controle de população que quotidianamente transitavam pelos variados “espaços” da cidade.

A cidade foi alvo de várias intervenções, que mobilizaram a opinião pública para a realização de projetos de transformação e melhoramentos urbanos. As medidas e iniciativas podem ser identificadas, sobretudo nas matérias em circulação no Diário do Rio Doce, nos Relatórios da cidade, Ofícios, Atos e Posturas municipais, trazendo não apenas as aspirações de progresso e modernidade, mas também revelando indícios de mudanças de comportamento. Os periódicos assumiam a responsabilidade pela formação da opinião pública, de veículos integradores, responsáveis pela difusão dos acontecimentos importantes que ocorriam não só na cidade ou no estado, mas em outros lugares do país. É importante destacar as colunas destinadas às reclamações no Jornal, ressaltando o papel da imprensa escrita como meio de comunicação privilegiado que buscava penetrar nos territórios político e cultural da cidade.² Os problemas da cidade eram os que tinham maior destaque, confundindo-se, quase sempre, com as questões puramente políticas.³ Além destes, dava-se especial destaque às diversas medidas dos poderes públicos e ocorrências policiais. Nessa perspectiva, os conteúdos

² BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913), p. 226. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.) *Cidades*. São Paulo: PUC/Olho d'água, 1999, pp. 225-256.

³ O crescimento rápido da cidade foi acompanhado de grandes problemas de ordem social. Ver: Diário do Rio Doce, 30/07/65.

das publicações, midiaticizadas por uma série de interesses político-partidários, “representam” e se “confundem” com a organização da cidade. Assim, uma ampla quantidade de matérias eram veiculadas diariamente no Diário do Rio Doce, tendo como pano de fundo orientar os seus leitores para compartilharem atitudes de uma “sociedade civilizada”.

Ao procurar analisar historicamente diversas leituras sobre a cidade de Governador Valadares, entre as décadas de 1960 e 1980, focalizando a imprensa e os registros oficiais – relatórios, atos e pareceres dos administradores públicos – e suas articulações/relações com os moradores da cidade, pretende-se buscar novos significados presentes nesses registros e entender os sentidos que assume a cidade para vários atores sociais representados. Para essa proposta cabe aqui abordar o conceito de representação como possibilidade de se interpretar/pensar os documentos e os sentidos que davam os interlocutores dos jornais e administradores públicos ao se referirem a determinados espaços, seus problemas e soluções. A ideia de representação expressa melhor a plurivocidade, a diferenciação, a temporalização múltipla dos fenômenos sociais⁴. Diante dessas questões, os conceitos de representação e apropriação oferecem perspectivas para problematizar tais questões. Ao explorá-las, emergiu uma cidade

dinâmica e cheia de vida: costureiras e barbeiros, por exemplo, dividiam espaços nos anúncios com compradores de pedras preciosas, propagandas de donos de farmácias, com os remédios milagrosos, também artigos que condenavam os bailes, a licenciosidade das moças da cidade, os moradores de rua em locais como a Praça Serra Lima, os perigos de fazer piqueniques às margens do Rio Doce entre outros. Diante de tais práticas, procurou-se perceber o papel dos periódicos como organizadores e articuladores da vida social, pois pôde-se perceber que procuravam separar aquilo que eles consideravam nocivos para a população da cidade.

O Jornal cumpria um papel de reatualização da memória coletiva, evocando um “passado de glórias e conquistas” e perpetuando aquilo que deveria ser mantido para o futuro. Nada pode ser mais objetivo do que a evocação do passado para legitimar e manter um arquétipo, o traçado primitivo da cidade, que deveria ser seguido, negando qualquer forma de desordem. Esta visão linear, sem contradições, elaborada para justificar e transmitir o que se considera importante para sua estabilidade traz à tona uma representação da cidade, a qual se deseja válida para todos. Nestes termos, os moradores são colocados em um mesmo nível, pois não são somente as autoridades que não cumprem as normas do Código de Posturas do município, os cidadãos também são negligentes. O “desprezo às leis” e o “prazer em contrariá-las” são próprios de um “povo” sem noções de

⁴ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, p. 239.

“civilidade”, daí o apelo aos “ideais de representação estética”⁵. Buscam não somente colocar a cidade nos caminhos do progresso, mas também tem como pressuposto a mudança dos costumes. As matérias eram objetivas ao colocarem num mesmo patamar “a estética, o comportamento, a higiene e a segurança pública”. Toda a infraestrutura, resultante de sua condição de cidade polarizadora e centro de distribuição, como telefone, luz elétrica, ruas largas acenava positivamente aos contemporâneos para considerá-la moderna.

As cidades eram alvos da política de modernização e dos créditos da União, voltados para a industrialização dos centros urbanos.⁶ Então, propunha-se nas manchetes do jornal uma mudança na política econômica do município, colocando em primeiro plano o fomento de indústrias, até o momento bastante incipiente em relação a outras cidades do mesmo porte. E para fomentar a “nova atividade”, teria que se mudar a mentalidade extrativista.⁷ A formulação dessa política não deveria ser entendida como uma descoberta súbita, porém o mais importante é que ela serviu de ideologia alimentando boa parte dos pensamentos utópicos da época.⁸

⁵ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Grupiaras e monchões, garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso – primeira metade do século vinte*. Parte IV. p. 193.

⁶ RACHE, Athos de Lemos. *Construção ao estudo da Economia mineira*. Livraria José Olympio Editora, 1995, p. 87.

⁷ ESPINDOLA, HarufSalmen. *Associação Comercial de Governador Valadares: sessenta anos de história*. ACGV, 1999, p. 36.

⁸ SANTOS, Wallace Ferreira; ABREU, Jean Luiz

Os jornais idealizavam “uma Governador Valadares”, direcionando os poderes públicos e os cidadãos para uma convivência “harmônica” com ela, e, nesse sentido, eles mapeiam a cidade, mostrando os “lugares” marcados por sua “estabilidade”, isto é, lugares que expressam uma funcionalidade como as praças, as avenidas, a estação ferroviária, o centro da cidade etc. Os investimentos realçam, de forma sutil, a importância desses lugares, para os quais reivindicam constantemente melhorias. Por outro lado, ao noticiar “transgressões” como assassinatos, brigas, bebedeiras, mostram “os não-lugares”⁹, “espaços praticados”, por exemplo, as Praças Serra Lima e da Estação, em que no período noturno, somente perambulam os “malfeitores”.¹⁰ Certamente, as matérias cobravam incisivamente dos poderes públicos ações no sentido de resolver os problemas sociais, muito confundidos com os de ordem policial, demonstrando, mais uma vez, as expectativas que os articulistas tinham de uma cidade “geométrica” e “harmônica”.¹¹ Os conteúdos alusivos às atividades sociais, bem como a maneira pela qual eles eram publicados nos jornais, estabeleciam forte vínculo entre as “novidades” aceitas e consideradas “chiques”, tornando perceptíveis as conexões

Neves. Modernização e utopias: projetos de transformação urbana no município de Governador Valadares (1960-80). *Revista Ágora* (Vitória), n. 10, p. 1-15, 2009.

⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: 19 ed. Vozes, 2012. p. 201.

¹⁰ Diário do Rio Doce. 07-05-1961, n.º. 1132, pag 1.

¹¹ Diário do Rio Doce. Domingo, 21/05/1978.

estabelecidas entre as novidades, a vida da cidade e os leitores. Os interlocutores e/ou cronistas do jornal demonstravam em suas manchetes a apropriação das diversas formas de leitura que se deveria fazer de uma cidade e que por sua vez deveria ser adotada por todos, ora de maneira implícita ora de maneira explícita, a própria ideia de uma harmonia e/ou de um sujeito universal, isso porque o sujeito é invocado a um papel central, pois não são mais as estruturas que fornecem e o sujeito recebe, ele mesmo elabora, cria, apropria, mas não de forma universal e sim diversa, dentro de uma dinâmica de usos.¹² Além disso, tomar parte delas era uma forma “simbólica” de distinção social, pois para ser diferente não basta apenas “existir”, mas pressupõe ser *reconhecido legitimamente diferente*.¹³

Um dos fatores importantes na definição do papel da imprensa de maneira geral foi o uso da propaganda comercial que apontou caminhos para uma nova relação entre produto e consumidor. Através da propaganda, as empresas se “associavam” ao jornal estabelecendo um espaço privilegiado para a instituição de novas práticas sociais e também de uma linguagem comercial ligada à imprensa.¹⁴ Através dos anúncios é possível percorrer algumas partes da cidade, localizan-

do os imóveis comerciais, e as pessoas que ofereciam serviços. Além disso, ao definir gostos, impondo determinados padrões de consumo, os anúncios criam um importante meio para colocar os seus leitores em contato com os padrões de consumo aceitos pelas sociedades ditas “avançadas”.¹⁵

A divulgação maciça de remédios nas páginas do Diário do Rio Doce não era uma exceção, pelo contrário, isso já vinha ocorrendo também em outras cidades brasileiras desde as primeiras décadas do século XX. Segundo Nicolau Sevcenko,¹⁶ a explicação para esse fenômeno foi a rápida urbanização que ocorreu no Brasil no início do século XX, com a vinda para as cidades de pessoas das zonas rurais, rompendo assim com a estrutura familiar tradicional e com a cadeia de transmissão de conhecimentos a respeito de ervas e plantas medicinais. Contudo, uma ênfase muito grande, em relação aos anúncios, era dada aos produtos importados. Ou seja, Governador Valadares tornara-se uma cidade importadora de produtos manufaturados, não só de bens duráveis, mas de consumo, na relação de troca que se estabeleceu, como fornecedora de produtos extrativistas. Mesmo com a diminuição dos indicadores socioeconômicos, a partir da década de 1960 os produtos importados continuaram por muito tempo fazendo

¹² CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 44-47.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 129.

¹⁴ CRUZ, Heloísa Faria. *São Paulo em papel e tinta, periodismo e via urbana 1890-1915*. São Paulo: EDUC, 2000. p. 151.

¹⁵ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 51-52.

¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 553.

parte da agenda de consumo por parte da população. Por outro lado, consumir produtos vindos do exterior, no imaginário social da cidade, era ter acesso ao que de mais moderno existia naquele momento.

Ao utilizar os jornais como fonte estamos lidando com uma forma de impresso.

Para Roger Chartier¹⁷, toda a cultura ocidental pode ser considerada como a “cultura do impresso”, arrastando, inclusive, aqueles sem acesso à leitura, seja através da onipresença de material impresso, livros de múltiplos formatos, éditos e cartazes; seja através das inúmeras formas de mediação que colocavam essas pessoas em contato com a cultura impressa. As diferentes formas de leitura – direta, através de terceiros, etc - pelas quais um determinado texto era lido pelo público, implicava, por seu turno, em uma variedade de modos como as leituras eram apropriadas. Desta forma, dentro dos modelos propostos pelos periódicos, emerge uma cidade que pouco a pouco vai sendo construída e representada como produto do *olhar* de quem fala e do *lugar* de onde se está falando. Partindo desses pressupostos, Chartier procura mostrar que a leitura dos textos não é um ato passivo e que os leitores se apropriam e produzem outros sentidos em relação aos previstos pelos autores. A noção de apropriação em Chartier, que muito se deve às leituras de Michel de Certeau, se

dirige para uma história social dos usos e interpretações e inscritas nas práticas específicas que as produzem.

Partindo da noção de consumo proposta por Michel de Certeau, que o identifica como as maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem dominante, Chartier enfatiza que as representações nunca são idênticas àquelas que o autor, o artista e o produtor investigam em sua obra. Dá valor ao sentido das formas: “a transformação das formas através das quais um texto é proposto autoriza recepções inéditas, portanto, cria novos públicos e novos usos”.¹⁸ Com isso sugere a busca pela interpretação do que aparece na história como “não-dito”, como “ausência”, indo além do que apresenta o documento.¹⁹

O Jornal propunha não só a tarefa de regular e interferir no corpo da cidade, mas também procurava moldá-la, pretendendo enquadrá-la dentro dos padrões de uma sociedade “moderna”, apontando de que forma os administradores da cidade deveriam agir; ou mesmo incentivando os leitores a participarem de uma vida cultural baseada em modelos “civilizados”.²⁰ As opiniões expressas nas matérias também procuravam interferir nas práticas de conduta moral, estabelecendo normas para as pessoas, sobretudo para as mais jovens, que deveriam se comportar, eliminando tudo que fosse julgado “perigoso”. Os artigos uti-

¹⁷ CHARTIER, Roger. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001, p. 35.

¹⁸ CHARTIER, Roger. *Ibidem*, . p. 76

¹⁹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 15-16.

²⁰ Diário do Rio Doce, 30/04/1960, n.º. 615, pág. 1.

lizavam um conjunto de conceitos, com sua versão própria, para aquela época, como “moral”, “saúde”, “instrução”, com o fim de sensibilizar os leitores para o domínio de uma “verdade” que deveria ser comungada por todos.²¹ Para além desses aspectos, a utilização do conceito de representação proposto por Chartier se opõe a uma divisão entre realidade e representação. Conforme afirma, nenhum texto, mesmo o mais objetivo, mantém uma relação transparente com a realidade que ele apreende. “A relação do texto com o real constrói-se de acordo com modelos discursivos próprios a cada situação de escritura”.²² Dessa forma, os documentos são eles próprios dependentes dos sentidos de construção de seus produtores, que visa um certo sentido de realidade. Nesse sentido o que os historiadores chamam de evento não é apreendido de maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por tekmeria, por indícios. A história é, em essência, conhecimento por meio de documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado vivo.²³

A concepção de uma cidade “ordeira”, que se expressava no princípio

da moralidade dos costumes, confirma a existência de duas cidades diametralmente opostas. Uma queria que as coisas permanecessem como estavam, mas de modo controverso, modernizá-la; a outra insistia, “aqui e ali”, como resultante de apropriações e reinvenções quotidianas, em “resistir” a essa cidade-modelo. A “idealização” de uma cidade “geométrica” não ocorreu apenas na imprensa desse período. As ações administrativas dos prefeitos ao longo das duas décadas após 1960, sobretudo os discursos sobre melhorias urbanas, também evidenciam a busca de uma “ordem”, não só do ponto de vista estético e funcional dos espaços, mas também do “moral”.²⁴ Tais elementos abrem outra perspectiva de análise que pretendemos desenvolver durante o projeto, a saber, o esquadramento da cidade pelos saberes dos técnicos.

O olhar dos administradores públicos sobre a cidade de Governador Valadares, a partir de Atos, Resoluções, leis, enfim, através dos mecanismos legalmente constituídos, mostram um conjunto de preocupações que vão além de resolver simplesmente as demandas apresentadas. Isto é, as ações não se limitavam, por mais aparentes que fossem, a responder de forma reflexiva aos problemas apresentados, mas havia um planejamento no sentido de pensá-las organicamente. Atuações pontuais tais como construções na cidade,²⁵

²¹ Diário do Rio Doce, 08/08/65, nº. 2078, pág. 5.

²² CHARTIER, Roger, op. cit., p. 36 et seq.

²³ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revolucionou a história*. (4. ed.). Brasília: UnB, 1998, p. 18-19.

²⁴ Câmara Municipal de Governador Valadares. Processo N. 88/65. 07/04/1965 a 12/04/1965. CEDAC. Pasta 1903. Série 1 – Infraestrutura Urbana. Subsérie 8/Reivindicação.

²⁵ Diário do Rio Doce. Quinta-feira, 25 de outubro de 1959.

arborizar,²⁶ ajardinamento de praças,²⁷ o problema da falta de água, entre outros, constituíam um conjunto de medidas que visava cumprir com esses objetivos.

Os discursos concebem a cidade como um espaço racional e homogêneo, um espaço privilegiado da “técnica”, pensada aqui como um conjunto de saberes colocado à disposição dos administradores pelos mais variados especialistas. Essa concepção não singulariza Valadares, mas a inscreve entre outras experiências do mundo urbano no período. Esses saberes, legitimados por um discurso de neutralidade científica, formulam e instituem normas que abrangem as diferentes facetas do cotidiano das pessoas, tornando inquestionáveis os seus mandamentos. Ao reivindicar o bem geral de todos e o progresso como um fim último a ser alcançado, as intervenções dos administradores públicos ganham inteligibilidade.²⁸ A partir das proclamações dos Atos, Resoluções e de outros documentos legais como Ofícios e Relatórios, a partir da década de 60 e ao longo das duas décadas seguintes do século XX, concretizam-se algumas tendências que vinham se manifestando, procurando tornar a cidade em sintonia com o discurso da época, e compatível com outras cidades do seu tempo. Várias questões começavam a fazer parte das demandas municipais,

obrigando o poder público a criar mecanismos institucionais e legais para atendê-las.

Com base nas leituras dos documentos oficiais, percebe-se que havia uma intenção, ora dissimulada, ora explícita, presente nos discursos dos administradores públicos da cidade de Governador Valadares, em promover o desenvolvimento nas mesmas proporções das cidades de outros estados brasileiros, especialmente os situados no litoral, vistos como representantes da cultura “civilizada”. Na interpretação desses contemporâneos, o estágio em que se encontrava a economia e a maneira como estes fatores de produção eram explorados, não correspondia às potencialidades e às riquezas existentes no município. Isto refletia na própria imagem da cidade, que carecia de infraestrutura básica. Segundo os relatórios, contraditoriamente, um dos maiores empecilhos para que a cidade melhorasse o seu aspecto urbano era a carência de recursos do município. Para resolver este problema tentava-se de todas as formas possíveis aumentar-se a arrecadação, seja através de novos impostos, seja através do controle da evasão dos tributos por causa da sonegação.²⁹

Durante décadas, o cenário dos espaços centrais da cidade permaneceu como ponto de referência de Governador Valadares. É relevante ressaltar mais uma vez a importância da cidade como “centro regional”, isto é, como polo econômico e político. Por concentrar em sua sede um bom número de estabelecimentos comerciais, diariamente a cidade

²⁶ Câmara Municipal de Governador Valadares. Processo N. 211/80. 02/06/1980 a 03/06/1980. CEDAC. Pasta 2124. Série 1 – Infraestrutura Urbana. Subsérie 2 – Construção/instalação.

²⁷ Diário do Rio Doce. Quarta-feira, 06 de abril de 1961.

²⁸ CHALHOUB, Sidney. *A cidade febril, cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 15-59.

²⁹ Diário do Rio Doce. Página 2 – 02/03/1963.

recebia compradores/vendedores dos mais variados produtos.³⁰ Ou seja, a organização do espaço urbano oscila entre a ordem e a proibição, entre o controle e o permitido, possibilita pensar como se construíram as vivências dos moradores. Os “praticantes” ao criarem artifícios de ir e vir, de caminhar pelo proibido, de criar espaços possíveis, “inventam” uma nova cidade degradando a “cidade-panorama”.³¹ Na cidade de Governador Valadares, os discursos oficiais eram dirigidos a algumas espacialidades, eleitas como prioridades, situadas no centro da cidade e seus arredores, cabendo aos responsáveis pela administração pública mostrar e normatizar o caminho que os cidadãos deveriam seguir.

Ao egermos a cidade como objeto de estudo, partilhamos da ideia de serem as cidades espaços que ligam os indivíduos e os grupos em suas práticas sociais. Esses “espaços”, por sua vez, não podem ser concebidos apenas a partir de conceitos urbanísticos ou políticos, mas como o lugar da pluralidade das diferenças sociais. Por serem múltiplas, as experiências citadinas se expressam de várias maneiras como resultado da mistura de laços culturais, étnicos e sociais, os quais criam espaços de sociabilidade e reciprocidade específicos. De outra forma, diríamos que em um determinado espaço coexiste uma infinidade de experiências, vinculadas aos diversos grupos sociais que as produziram. Esses grupos sociais

procuram representar o “real” de acordo com os seus interesses que, por seu turno, são contraditórios e divergentes.³²

Nesse sentido, Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano, artes de fazer*,³³ especificamente na terceira parte – *Práticas de espaço* –, será fundamental para uma reflexão acerca das práticas de utilização dos espaços. Ao problematizar as relações entre a cidade e as práticas quotidianas dos seus moradores bem como os anseios de uma modernidade futura, que tecem os lugares, que moldam os espaços, transformando-os em outras “cidades”, possibilitou refletir sobre as dimensões políticas e sociais dos discursos veiculados pela imprensa e pelos administradores públicos. Assim, diante da representação de uma cidade homogênea e geométrica, que expressa, de certa forma, a predominância das astúcias que se organizam em poderes micro, difusos, difíceis de serem identificados e geridos pelas autoridades públicas constituídas. A distinção entre “lugares”, vinculados à ideia de ordem, estabilidade e “espaços”, pensados como cruzamento de pessoas em mobilidade, como resultado de circunstâncias e relações sociais, permite compreender a grande variedade dos usos que os moradores da cidade fazem dos seus espaços.

³⁰ CERTEAU, Michel de. Op. cit., capítulo VII.

³¹ CERTEAU, Michel de. Op. cit., capítulo VII.

³² CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, pp. 122-127.

³³ CERTEAU, Michel de. Op. cit., capítulos VII, VIII, IX et seq.

Referências bibliográficas

- BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913). In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo: ed. Olho d'água, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 3. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. *Artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad: Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta, periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2.000.
- _____. *Sertão do Rio Doce*. Bauru/SP: EDUSC, 2005.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, uma história dos costumes*. Volume I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ESPINDOLA, HarufSalmen. *Associação Comercial de Governador Valadares. 60 anos de história*. Governador Valadares/MG: ACGV, 1999.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: UNB, 1998.